

Veredas

Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

As raízes de ‘botafofo’: Construção de sentidos múltiplos em Português Europeu

Hanna J. Batoréo (Universidade Aberta, Portugal)

RESUMO: No presente trabalho, na sequência dos estudos anteriores (cf. BATORÉO & CASADINHO 2009 e 2010), observamos como a construção de sentidos múltiplos de ‘fogo’ e das palavras derivadas ‘bota-fogo’ e ‘Botafofo’ é efectuada com base nos processos encadeados de metáfora e metonímia representados em rede, sendo fortemente enraizada no conhecimento socialmente partilhado da linguagem-em-uso. A evidência linguística provém não só dos dicionários, mas também dos *corpora* linguísticos electronicamente disponíveis para o Português Europeu (p. ex. *Linguateca*).

Palavras-chave: Português Europeu; metáfora conceptual; construção de sentidos múltiplos; polissemia; Linguística Cognitiva.

Introdução

Defendemos que o significado não é objecto mental estável, mas resulta da construção de interpretações, efectuada de acordo com critérios precisos que ocorrem em função de processos linguisticamente bem definidos (LANGACKER 2000; cf. SILVA 1997 a & b, 2003, 2007 e BATORÉO 2004 e 2005). Esta interpretação consiste tanto na fundamentação empírica das experiências individual, colectiva e histórica nelas fixada como no comportamento e uso dos falantes determinados pela biologia e fisiologia do aparato conceptual humano. Os critérios linguisticamente bem definidos a que nos reportamos implicam, evidentemente, a observação do emprego autêntico das expressões linguísticas socialmente partilhado, resultando daí a importância dos métodos provenientes da análise dos

corpora representativos, extensos e de fácil acesso para o público em geral (p. ex. *Linguateca*), disponibilizados a partir dos centros de investigação próprios e organizados de acordo com critérios científicos pré-estabelecidos.

O estudo por nós apresentado sobre os sentidos múltiplos no caso do item lexical ‘*pé*’ (Batoréo 2005) demonstrou uma significativa flexibilidade e variação, bem como a complexidade dos interrelacionamentos e das interdependências ocorridas nas conceptualizações e nas interpretações propostas. Permitiu-nos constatar, também, que, independentemente de existirem, basicamente, dois processos principais muito produtivos de conceptualização – isto é, a metáfora e a metonímia – que partem do mesmo sentido básico prototípico, na construção de sentido de um item polissémico ocorrem, de facto, muitas instâncias diferentes intermédias, fruto de sucessivas combinatórias de processos metafóricos e/ ou metonímicos em cadeia, assim como de processos de analogia, especificação e generalização, que a partir do(s) protótipo(s) constroem uma rede de sentidos múltiplos.

No estudo presente, na sequência dos estudos anteriores sobre o verbo ‘*botar*’ em PE e no PB (cf. BATORÉO & CASADINHO 2009 e 2010), procuraremos apresentar a construção de multiplicidade dos sentidos em rede no caso do item polissémico ‘*fogo*’, bem como dos itens dele derivados, igualmente polissémicos, ‘*bota-fogo*’ e ‘*Botafogo*’, propondo processos de mapeamento inerentes à complexidade da construção do sentido em cada um destes casos.

2. Principais premissas teóricas

A Linguística Cognitiva (cf. LANGACKER 2000 e TALMY 2000, entre outros) constitui uma teoria holística do significado em que o símbolo unitário é apenas tomado em consideração enquanto parte de um sistema de significados que constitui um *todo* envolvente. Os principais constructos em que a teoria se apoia são os seguintes: (i) os processos de perspectivação que o significado linguístico reflecte; (ii) o uso e a experiência como base do significado linguístico; (iii) a natureza dinâmica da gramática; (iv) a categorização linguística construída e organizada na base dos protótipos; (v) a não-autonomia dos sistema cognitivos, o que leva à *construção do sentido* em domínios e modelos cognitivos, através dos *mecanismos e modelos conceptuais* (cf. SILVA 2007a, BATORÉO 2004, FERRARI 2009: 13-26).

A Linguística Cognitiva engloba tanto a perspectiva sincrónica como a diacrónica do estudo das línguas, demonstrando que, diacronicamente, a mudança semântica resulta da polissemia e reflecte os efeitos de prototipicidade (Cf. GEERAERTS 1997 e SILVA 1997a & b; ver também SWEETSER 1990). Assim, por exemplo, a mudança na *intensão* de uma categoria lexical – seja ela, por exemplo, um – envolve não significados individuais e isolados, mas o conjunto de significados sincronicamente agrupados por "semelhanças-de-família"; é este conjunto que sofre alterações quer na forma de desenvolvimento a partir de vários significados coexistentes quer no desaparecimentos de valores periféricos quer, ainda, na forma de reorganizações de protótipos. Por conseguinte, a não-discrição *intensional* determina a natureza "enciclopédica" da mudança semântica, o que significa que a mudança pode envolver qualquer informação associada a um determinado item lexical, podendo surgir um novo significado tanto com base num já existente como com base num sub-conjunto deste, seja ele de carácter referencial, pragmático ou conotativo.

Segundo Geeraerts (1988a & b), as categorias estruturadas na base da prototipicidade são cognitivamente eficientes, reunindo a vantagem da *flexibilidade* (permitindo a adaptação aos contextos novos e a integração das novas entidades como membros mais ou menos periféricos) e a vantagem da *estabilidade* (proporcionando a interpretação de novas

experiências através dos protótipos existentes). Assim, a prototipicidade existe porque é cognitivamente vantajosa, satisfazendo estas duas tendências aparentemente opostas da cognição humana. Por conseguinte, as categorias linguísticas são tipicamente flexíveis e polissémicas, enquanto os significados das palavras no seu desenvolvimento histórico se caracterizam por continuidade e mutabilidade (cf. SILVA 1997b).

Os mecanismos conceptuais mais frequentes utilizados na categorização são a metáfora e a metonímia conceptuais. Em Linguística Cognitiva, metáfora e metonímia não são figuras de estilo como defendido tradicionalmente na retórica, mas são mecanismos e *modelos cognitivos* generalizados, convencionalizados e lexicalizados. Enquanto a metáfora envolve *domínios cognitivos* diferentes, isto é, domínio de origem e domínio de alvo, entre os quais se opera uma projecção de sentido ou *mapeamento*, a metonímia realiza-se dentro de um mesmo *domínio*, activando e realçando uma categoria ou um sub-domínio (cf. LAKOFF 1987: 288). Defende-se que, além das metáforas e metonímias conceptuais, existem também outros processos implicados na categorização, tais como a generalização ou a abstracção, isto é, a *esquematisação*:

[schema is] an abstract characterization that is fully compatible with all the members of the category it defines (so membership is not a matter of degree); it is an integrated structure that embodies the commonality of its members, which are conceptions of greater specificity and detail that elaborate the schema in contrasting ways (LANGACKER 1987: 371).

Em Linguística Cognitiva (cf. SILVA 1997b), por conseguinte, categorização por *esquema* e categorização por *protótipo* não se excluem; antes se complementam. Na semântica de um item lexical, há sentidos ou referentes esquemáticos e específicos, prototípicos e periféricos. A sua estrutura tem, por isso, a forma de uma rede. O modelo de representação da estrutura das categorias que combina esquemas e protótipos é designado por Langacker (1987: 377-386) como *modelo em rede* ("network model").

Nas secções seguintes iremos demonstrar como ao longo do tempo a categorização de um item lexical se constrói tanto por protótipos como por esquemas, constituindo um modelo de sentido em rede. Trata-se do item *'bota-fogo'*, abordado com base no seu uso observado no Português Europeu contemporâneo.

3. Análise da construção dos sentidos

3.1. A polissemia de *'fogo'*

Antes de procedermos para a análise de sentidos múltiplos no caso de *'fogo'*, observamos, neste caso, a ocorrência de um caso de **homonímia** clara e plenamente justificada. Trata-se do par *'fogo!'*¹, expressão elíptica de *'há fogo!'*, que é um pedido de socorro ou grito de alerta, em caso de incêndio, e *'fogo!'*², constituído por interjeição recente e eufemismo por semelhança sonora da primeira sílaba com um palavrão (do mesmo tipo que *'fónix'* ou *'fosca-se'*), extremamente frequente nos últimos anos na oralidade das gerações mais novas em Portugal¹.

¹ A acepção de *'fogo!'*², tanto quanto julgamos saber, é desconhecida no Português do Brasil.

Se abstrairmos desta pontual ocorrência de homonímia, o item lexical ‘fogo’ é altamente polissêmico, conforme se pode verificar pela riqueza das acepções apresentadas (cf. a proposta de PINHO 2008), que podem ir para muito além de vinte sentidos diferentes, conforme comprovam as consultas dos dicionários da Língua Portuguesa (cf. *Dicionário de Houaiss*), bem como as ocorrências reais nos *corpora* electrónicos disponíveis na Internet, como a *Linguateca*.

Do ponto de vista da organização conceptual, o ‘fogo’ apresenta apenas **um sentido prototípico**, designando o fenómeno que consiste no desenvolvimento de calor e luz produzidos pela combustão de um corpo, sentido que encontramos em expressões como ‘fazer fogo’ (no sentido de acender uma fogueira) e ‘*atiçar/ despertar o fogo*’ (no sentido de avivar).

A partir deste sentido nuclear, os outros podem ser entendidos como sendo criados por meio de vários processos de mapeamento, isto é, de projecção e extensão de sentido, sendo dois deles – a especialização e a generalização – muito mais restritos e menos representativos, enquanto outros dois – a metáfora e a metonímia – surgem como altamente produtivos (Quadro 1). Assim, temos o caso de **especialização** quando o ‘fogo’ é interpretado como incêndio ou no âmbito da pirotecnia ou, ainda, na área de preparação de alimentos, como em: ‘*cozinhar em fogo brando*’. Pelo contrário, a extensão de sentido por **generalização** surge quando tudo o que tem luz é entendido como fogo, mesmo que não exista combustão, como em: ‘*fogo do olhar*’ ou ‘*fogos do dia*’.

Na sua grande parte, no entanto, a estruturação conceptual da rede das extensões semânticas do item ‘fogo’ é constituída por uma sequência de mecanismos do imaginário como a metáfora e a metonímia (Quadro 1). É curioso verificar que cada um destes processos surge como típico em áreas diferentes da vivência humana, distinguindo-se, claramente, a área das actividades diárias do homem, fortemente metonímica, e a expressão das emoções, marcadamente metafórica. Assim, as **relações metonímicas** são transparentes quando o ‘fogo’ se relaciona com as ancestrais actividades humanas, tais como denominar o espaço em que se dá uma combustão indispensável para o aquecimento e para a preparação dos alimentos (metonímia do tipo CONTEÚDO PELO CONTINENTE como p. ex. no sentido de lareira, fogão ou chaminé) e, a partir daí, por metonímia PARTE PELO TODO, na designação de habitação, lar e casa (como em: ‘*a vila tem mil fogos*’). A relação metonímica está também na origem da expressão ‘*arma de fogo*’ EFEITO PELA CAUSA, no sentido de uma arma que produz fogo, isto é, dispara ou, então, usa a combustão de pólvora como propulsor. As **metáforas**, por seu lado, são mais frequentes na expressão das emoções, como se observa em: ‘*temperamento de fogo*’ (vivacidade, entusiasmo), ‘*fogo aceso*’ (paixão) ou ‘*cuspir/ pegar fogo*’ (ficar furioso), nas quais as metáforas que surgem são do tipo A EMOÇÃO É FOGO e O CORPO É UM CONTENTOR DE EMOÇÕES.

Observe-se a estruturação da rede das conceptualizações no caso do item lexical ‘fogo’ no seguinte esquema (Quadro 1):

• **Protótipo do ‘fogo’**

Fenómeno que consiste no desenvolvimento de calor e luz produzidos pela combustão de um corpo, produzindo fumo: *‘fazer fogo’* (= acender uma fogueira) e *‘atiçar/ despertar o fogo’* (= avivar)

A partir do núcleo prototípico existem extensões por:

(1) 

○ Metonímias (→ actividade ancestral humana + actividades diárias)
- CONTEÚDO PELO CONTINENTE: lareira, fogão ou chaminé: <i>‘sentar-se ao pé do fogo’</i> - PARTE PELO TODO: habitação, lar e casa: <i>‘a vila tem mil fogos’</i> - EFEITO PELA CAUSA: uma arma que produz fogo, isto é, dispara ou usa a combustão de pólvora como propulsor. <i>‘arma de fogo’</i> , <i>‘botar² fogo’</i> + INSTRUMENTO PELA ACTIVIDADE <i>‘aquele que <u>bota fogo</u>’</i> → <i>‘bota-fogo’</i> → <i>‘Botafogo’</i>

(2) 

○ Metáforas (→ expressão das emoções)
A EMOÇÃO É FOGO e O CORPO É UM CONTENTOR DE EMOÇÕES: <i>‘temperamento de fogo’</i> (= vivacidade, entusiasmo), <i>‘fogo aceso’</i> (= paixão) <i>‘cuspir/ pegar fogo’</i> (= ficar furioso)

(3) 

○ Especialização
- Incêndio - Âmbito da pirotecnia - Lume para preparar alimentos: <i>‘cozinhar em fogo brando’</i>

(4) 

○ Generalização
- A luz é entendida como fogo, mesmo que não exista combustão: <i>‘fogo do olhar’</i> , <i>‘fogos do dia’</i> .

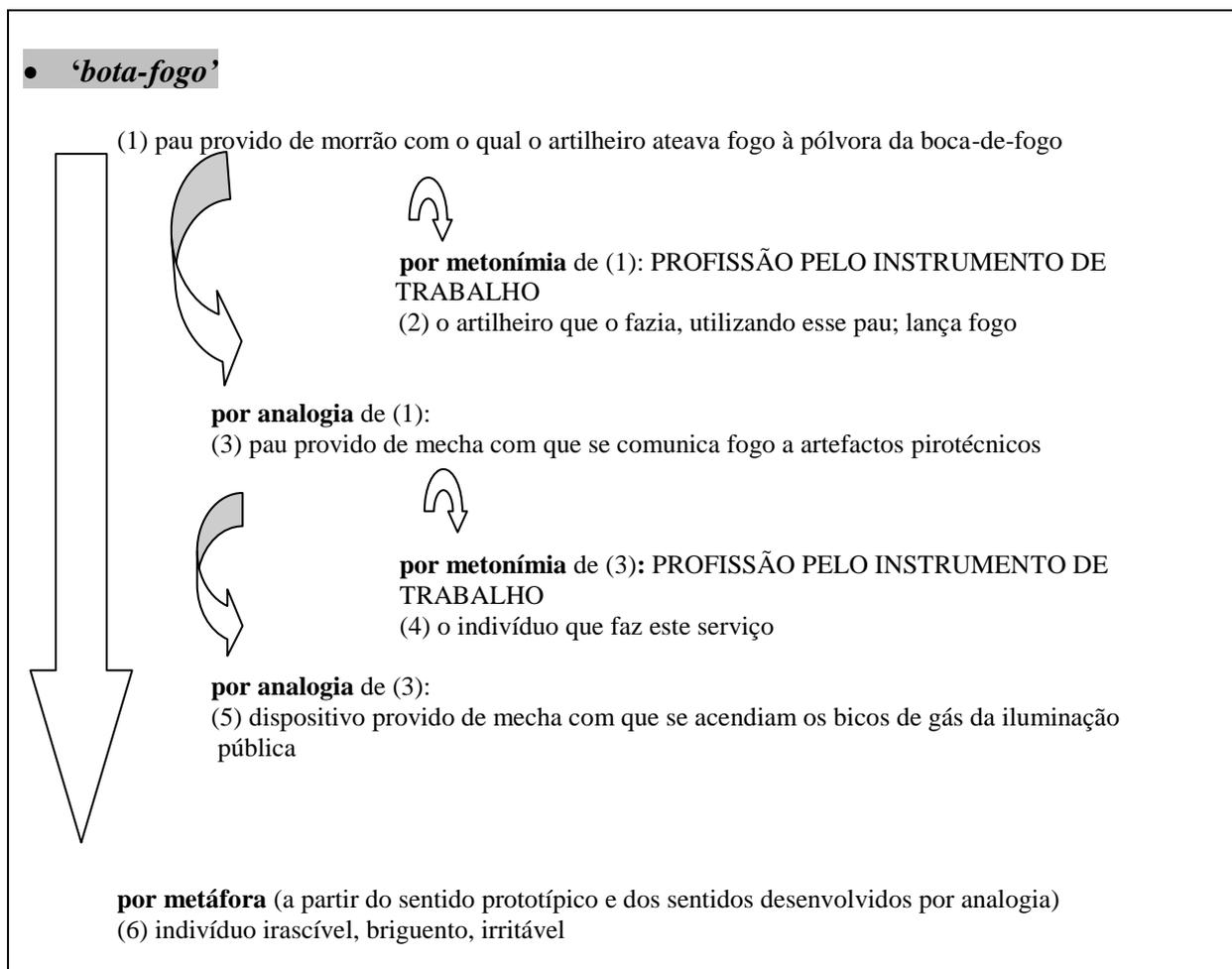
Quadro 1: Processos envolvidos na construção da semântica de *‘fogo’*

² A propósito do item lexical *‘botar’*, repare-se que, hoje em dia, se trata de uma palavra muito frequente no PB, sobretudo na oralidade, mas muito pouco produtiva em PE, onde os usos habituais do *‘botar’* brasileiro são substituídos por outros verbos de movimento muito frequentes na variante europeia como, por exemplo, *‘pôr’*, *‘meter’*, *‘deitar’*, para já não falar do uso formal (nas duas variantes) de *‘colocar’* (Cf. BATORÉO e CASADINHO 2009 e 2010).

3.2. A polissemia de ‘bota-fogo’

Tal como ilustrado no Quadro 1, a relação metonímica que deu origem à expressão ‘*arma de fogo*’ permitiu, também, a criação de um novo item lexical ‘*bota-fogo*’ (→ ‘*Botafogo*’), por sua vez também surpreendentemente polissêmico, sobretudo na área de onomástica e toponímia (cf. Quadros 2, 3 e 4).

A palavra comum ‘*bota-fogo*’, hoje claramente caída em desuso no PE, apresenta uma polissemia rica, conforme atestado pelos dicionários (cf. *Dicionário Houaiss*) (Quadro 2).



Quadro 2: Processos envolvidos na construção da semântica de ‘*bota-fogo*’ (testemunho lexicográfico)

Porém, para apreciar a riqueza polissêmica de ‘*bota-fogo*’ não basta observar apenas os usos dos nomes comuns atestados pelas fontes lexicográficas, que designam, maioritariamente, instrumentos e profissões a eles ligadas que o desenvolvimento das tecnologias modernas tornou obsoletas e não produtivas.

Caídos em desuso as acepções respectivas aos nomes comuns, no entanto, qualquer falante de Português conhece e usa sentido(s) provenientes da interpretação do item em estudo que deu origem a topónimos ‘*Botafogo*’. Assim, a fim de estruturar a conceptualização inerente à construção do seu sentido, precisamos de partir dos conhecimentos que temos sobre

o mundo, integrando, assim, uma **semântica enciclopédica**, isto é, o conhecimento enciclopédico da realidade em que vivemos e da sua história:

A história começa em 1519, durante o século XVI, quando o rei D. João II³ de Portugal ordenou a construção do maior navio de guerra da Europa, o Galeão São João Batista, de 1000 toneladas, que em virtude do fantástico poder de fogo das suas 200 peças de artilharia pesada, bem como devido às suas afamadas conquistas, ficou conhecido pelo apelido de 'Botafogo'.

Os feitos do galeão foram tantos que os nobres portugueses tiraram carta de brasão e armas com o título de Botafogo. O fidalgo português João de Souza Pereira, famoso oficial de artilharia natural de Elvas, ganhou o apelido de 'Botafogo' e incorporou-o ao seu sobrenome.

O sucedido deveu-se ao facto de João de Souza Pereira ter-se tornado, após chegar ao Rio de Janeiro, lugar-tenente do governador-geral Antônio Salema e destacar-se em combates vitoriosos contra franceses e tamoios. A Coroa Portuguesa recompensou-o com duas sesmarias, a de Francisco Velho e a de Inhaúma, terras que partiam do Rio Carioca, contornavam o morro da Viúva e estendiam-se praia adiante, cuja beleza inserida na enseada a fez ser conhecida como a praia 'do Botafogo'.

Mais tarde, durante o processo de urbanização que se desenrolou no século XIX, o bairro de Botafogo inaugura a era dos desportos através da promoção da primeira corrida de cavalos, que ocorreu em 1825 na praia de Botafogo. O turfe foi o primeiro desporto moderno a ser praticado em Botafogo, ao qual se seguiu a prática das regatas. (MOURA, 2007).

De acordo com a sequência dos factos apresentada na fonte citada acima, originalmente e tal como referido e ilustrado no Quadro 2, o item '*bota-fogo*' designava (i) um instrumento militar, uma haste com um pavio, com a qual o artilheiro detonava os canhões (cf. os sentidos (1), (3) e (5), a partir dos quais se formavam as respectivas profissões (2) e (4) do Quadro 2). Foi esta designação que deu origem ao nome atribuído a um famoso (ii) galeão conhecido pelo seu poder de fogo, robustez e eficácia. A partir daí, muitos dos fidalgos portugueses passaram a utilizar este nome como (iii) título nobre, tal como aconteceu com (iv) um oficial de artilharia que ganhou o apelido de '*Botafogo*' e incorporou-o ao seu sobrenome. Galardoado com (v) terras situadas na área da baía da Guanabara pelos seus feitos heróicos, passou-lhes o seu novo nome, baptizando, assim, (v-a) uma enseada, (v-b) uma praia e, posteriormente, (v-c) um bairro do Rio de Janeiro. A partir das actividades desportivas desenvolvidas nesta praia teve a sua origem (vi) o nome do conhecido clube desportivo carioca de *Botafogo de Futebol e Regatas*, sendo os seus associados, jogadores ou adeptos conhecidos por '*botafoguenses*'.

Observemos, agora, os fenómenos de extensão que ocorreram entre o sentido nuclear do protótipo do '*fogo*' e a designação do clube desportivo carioca '*Botafogo*' (Quadros 3), assim como a respectiva rede de conceptualizações (Quadro 4).

I. '*fogo*' → '*botafogo*'.

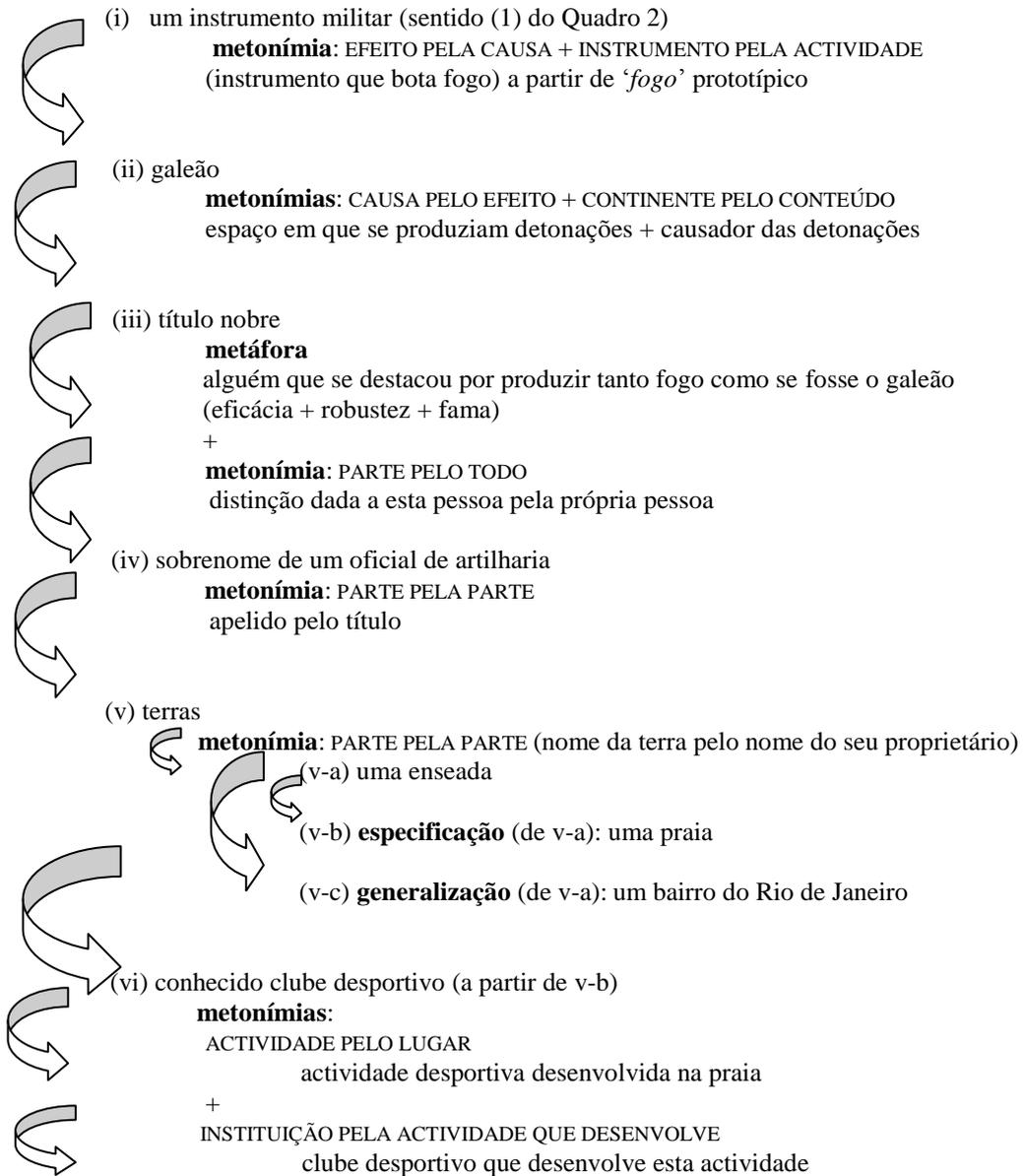
³ Do ponto de vista histórico, esta fonte não se apresenta muito rigorosa, já que D. João III reinou entre 1521 e 1557. Temos as primeiras notícias sobre a existência do galeão nas *Lendas da Índia* de Gaspar Correia (c. 1520). Sabemos, também, que o Botafogo foi construído nos estaleiros de Lisboa, que era equipado com 200 peças de artilharia de grande alcance, bem como com esporão ou talhamar de aço. Tornou-se célebre, entre outros, pelo ataque a Tunis, a pedido de D. Carlos V, em 1535, e pela Batalha de Alcântara, em 1580, apoiando do mar as forças do D. António Prior do Crato (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. IV, p. 963).

Formação a partir de uma **extensão metonímica** do 'fogo' prototípico

⇒ EFEITO PELA CAUSA
uma arma que produz fogo, isto é, dispara ou usa a combustão de pólvora como propulsor:
'arma de fogo', 'fazer fogo', 'lançar fogo', 'botar fogo';

⇒ INSTRUMENTO PELA ACTIVIDADE
um instrumento que usa a combustão de pólvora como propulsor, isto é, que 'bota fogo' →
'bota-fogo' → 'Botafogo'

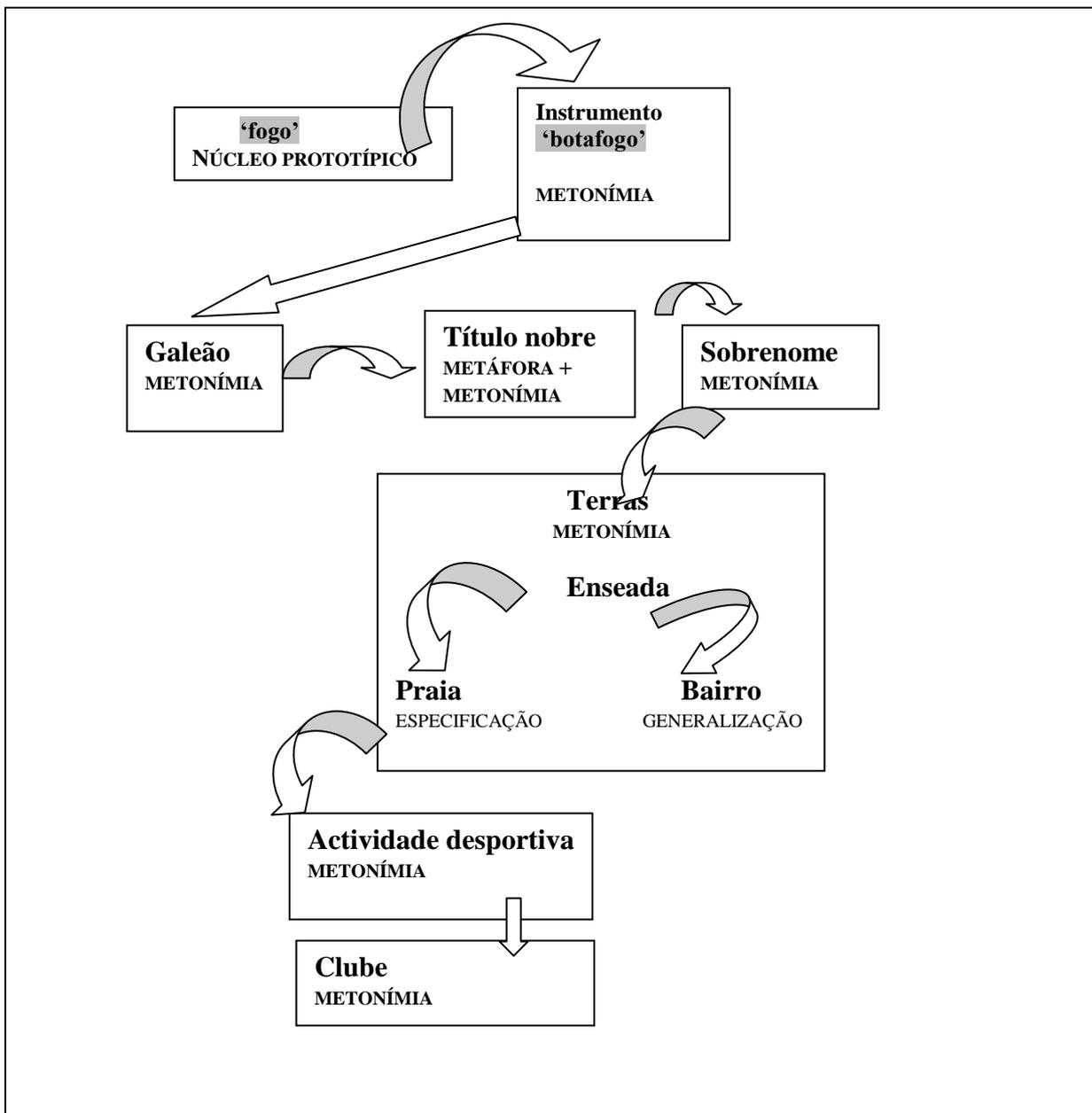
II. Extensões polissémicas de 'bota(-)fogo'.



Quadro 3. Processos envolvidos na estruturação conceptual de 'bota(-)fogo'.

Os processos envolvidos na estruturação conceptual de 'bota(-)fogo' (Quadro 3) podem ser representados em forma de uma rede de conceptualizações e interpretações (Quadro 4),

que entendemos constituir uma estrutura aberta sujeita a possíveis extensões futuras. Basta imaginarmos, por exemplo, que o clube carioca *Botafogo* publique um jornal desportivo com o mesmo nome ou, por outro lado, se torne mundialmente conhecido por causa de um jogador que adoptou o nome do clube como seu próprio apelido. Tendo em consideração esta possível extensão semântica da rede já existente, concebemo-la como um esquema produtivo e sempre em aberto.



Quadro 4. Rede de conceptualizações semânticas de 'bota(-)fogo'.

4. Usos de 'fogo' e 'bota(-)fogo' no PE – o papel dos corpora

A análise da linguagem jornalística do Portugal contemporâneo com base na *Linguateca* permite-nos verificar que o uso dos itens escolhidos ‘fogo’ e ‘bota(-)fogo’ no PE, bem como a respectiva frequência estão bastante afastado dos sentidos apresentados e analisados com base nas acepções atestadas nos dicionários.

No que diz respeito ao item ‘fogo’, encontramos 149 ocorrências no 1º milhão do *CETEMPúblico* e quase 27 mil ocorrências (26 789) no *corpus* dos 180 milhões. Com base nestas ocorrências foram identificados 31 sentidos diferentes do item em estudo (cf. Pinto 2008), reforçando-se, assim, a ideia de estarmos perante uma palavra muito frequente e de um alto grau de polissemia. Em termos quantitativos, porém, a análise efectuada demonstra que quase 62 por cento das ocorrências dizem respeito a (i) incêndios e (ii) intervenções armadas, sendo outros vinte respeitantes a (iii) habitação e (iv) pirotecnia. Deste modo, quatro sentidos mais frequentes da palavra ‘fogo’ correspondem a mais de oitenta por cento da totalidade das ocorrências, sendo os quase vinte por cento dos restantes relativos a aproximadamente duas dezenas de outras acepções. Se tomarmos em consideração os 31 sentidos diferentes inicialmente propostos, os números acima apresentados demonstram que a sua distribuição é muito desproporcionada e a aparente riqueza polissémica quase ilusória. Constata-se, ainda, uma total ausência das ocorrências correspondentes aos sentidos mais básicos, tal como o do dispositivo incendiário, do espaço em que se dá uma combustão (lareira, fogão, chaminé), abertura por onde sai o fumo das chaminés, etc.

A discrepância entre a análise lexicográfica e a prática da linguagem-em-uso no PE verificada no caso de ‘fogo’ parece ser ainda mais destacada no caso da análise de ‘bota(-)fogo’. No que diz respeito à representatividade da rede das conceptualizações proposta no Quadro 4 em relação ao imaginário dos falantes do PE, a análise da *Linguateca* parece dar uma resposta inequívoca: no primeiro milhão do *CETEMPúblico* não surge nenhuma ocorrência de ‘bota-fogo’ e surgem três ocorrências de ‘Botafogo’ no sentido da designação do clube desportivo do Rio de Janeiro. A análise verificada no *corpus* dos 180 milhões do *CETEMPúblico*¹, o ‘Botafogo’ surge 391 vezes, sempre como designação do clube carioca (exemplos 1 – 3) ou, então, no sentido toponímico de um bairro do Rio (exemplo 4):

Exemplo 1:

*“Fala-se também em Paulo Autuori, Luís Felipe Scolari e Wanderlei Luxemburgo, que neste momento dirigem, respectivamente, o **Botafogo**, o Palmeiras e o Corinthians, (...)”*

Exemplo 2:

*“O golo que definiu o resultado a favor do **Botafogo** foi marcado ainda na primeira fase, aos 44 minutos, novamente na sequência de um canto cobrado sobre a área, pela direita.”*

Exemplo 3:

*“Na segunda parte, o **Botafogo** voltou mais fechado na defesa, passando a explorar com mais frequência os contra-ataques e antecipando a marcação para impedir a troca de passes dos santistas.”*

Exemplo 4:

*“(...) arrastado para fora de um templo da IURD no bairro de **Botafogo** (...)”*

Os dados reunidos mostram que o conhecimento activo dos falantes do PE ilustrado a nível de linguagem jornalística se limita aos usos sincrónicos do nome próprio relativo à designação do clube de futebol ou, em menor grau, à designação toponímica de um bairro carioca. Os usos da palavra comum ‘bota-fogo’ estão nele totalmente ausentes. Com base

nestes resultados podemos concluir que a riqueza polissémica do item ‘*bota-fogo*’ na qualidade do nome comum está totalmente caído em desuso, tal como, por exemplo, o conhecimento do nome próprio quer no seu sentido histórico da designação do galeão quer no seu sentido antropomórfico, permanecendo vivos apenas os usos relativos à actividade futebolística ou, parcialmente, a designações topográficas.

Conclusões

No âmbito da Linguística Cognitiva, a gramática é entendida como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, que, no caso dos itens lexicais, abrangem tanto nomes comuns como nomes próprios, e que simbolizam conceptualizações, constituindo-se como rotinas cognitivas convencionalizadas, isto é, estabelecidas pelo uso dentro de uma comunidade linguística ao longo da sua história.

Na análise apresentada, dedicada a redes conceptuais na arquitectura da semântica lexical dos itens polissémicos, com base no exemplo da análise dos itens lexicais ‘*fogo*’ e ‘*bota(-) fogo*’, demonstrou-se que a gramática é um sistema de estruturação conceptual, que envolve quer as capacidades cognitivas gerais quer os conhecimentos que temos sobre o mundo (integrando, assim, uma semântica enciclopédica) quer ainda mecanismos do imaginário como metáfora e metonímia.

Pretendeu-se demonstrar, deste modo, que o significado não é objecto mental estável, mas resulta da construção de conceptualizações e interpretações, efectuada de acordo com critérios precisos e linguisticamente bem definidos.

Verificou-se, também, que os usos sincrónicos comprovados pelos *corpora* do PE de hoje na reflectem rigorosamente as redes conceptuais histórica e socialmente determinadas. Os empregos da linguagem-em-uso privilegiam certas acepções como mais frequentes, deixando outras fora do uso ou com emprego delimitado e/ou pouco frequente. Deste modo, o conhecimento da estruturação das conceptualizações dos itens altamente polissémicos permite-nos conhecer a gramática cognitiva da Língua Portuguesa que os nossos usos atestados hoje em dia nem sempre deixam transparecer.

ABSTRACT: Following two initial studies on the verb ‘*botar*’ in EP and BP (cf. XXX & Casadinho 2009 and 2010), our study focuses on multiple meaning construction in Portuguese ‘*fogo*’ (‘*fire*’) and derived words rich in toponymic and onomastic designations ‘*bota-fogo*’ and ‘*Botafogo*’ based on chained metaphoric and metonymic processes worked out in a network and observed in language-in-use in European Portuguese. Linguistic evidence for this study results from lexicographic and EP corpora analysis (e. g. *Linguateca*).

Key-words: European Portuguese; metaphor; metonymy; polysemy; multiple meaning construction; Cognitive Linguistics.

Referências

ALMEIDA M.L.L.; R.G. Ferreira; D. Pinheiro; J. de L. Souza e C.A. Gonçalves (org.) *Linguística Cognitiva em Foco: Morfologia e Semântica*, Rio de Janeiro: Edições Publit, 2009.

BATORÉO, Hanna J. *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*, CD-ROM, Lisboa: Universidade Aberta, 2004

BATORÉO, Hanna J. “Como não «pôr o pé em ramo verde» ou do papel da polissemia na construção do sentido”, in: Rio-Torto *et al.* (coord.) (2005), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Porto: FLUP, 2005, 237-251.

BATORÉO, Hanna J. e Margarida CASADINHO “«Botar ou não botar ... eis a questão» Estudo contrastivo da produtividade lexical do verbo ‘botar’ no Português Europeu e no Português do Brasil na óptica da Linguística Cognitiva”, in: M.L.L. Almeida *et al.* (org.), 2009, 53-66.

BATORÉO, Hanna J. e Margarida CASADINHO “«Botar as mãos na massa?» Estudo Cognitivo da produtividade lexical do verbo ‘botar’ no PE e PB”, in: Marçalo, Maria João *et alii* (coord.) *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, Évora: Universidade de Évora, 2010, 37-55.

FERRARI, Lilian (org.) *Espaços mentais Construções Gramaticais: do Uso Linguístico à Tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

GEERAERTS, Dirk. "On necessary and sufficient conditions", *Journal of Semantics* 5, 1988a, 275-291.

GEERAERTS, Dirk. "Prototypicality as a prototypical notion", *Communication and Cognition* 21, 1988, 343-355.

GEERAERTS, Dirk. *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*, Oxford, Oxford University Press, 1997.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, s/d, Lisboa: Edições Enciclopédia Ltd.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

Linguateca [em linha] disponível a partir de → <http://www.linguateca.pt/ACDC/> (consultado em Setembro de 2011).

MOURA, Rui. “Estrela Solitária” 2007. → <http://mundobotafogo.blogspot.com/2007/12/nasceu-estrela-solitaria.html> (consultado em Setembro de 2011).

PINHO, Paula. “Análise da polissemia do item lexical ‘fogo’”, Universidade Aberta, ms. 2008.

SILVA, Augusto Soares de. *A Semântica de DEIXAR. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Dissertação de Doutorado, Braga, Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga, 1997a.

SILVA, Augusto Soares de. "A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística" 1997b → <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm> (consultado em Setembro de 2011).

SILVA, Augusto Soares da. "O sentido múltiplo: polissemia, semântica e cognição", in: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (org.) *Produção de sentido. Estudos Interdisciplinares*, São Paulo:Annablume; Porto Alegre: Nova Prov; Caxiais do Sul:Educs, 2003, 91-116.

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em Português: Polissemia, semântica e Cognição*, Coimbra: Almedina, 2007.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics : metaphorical and cultural aspects of semantic structure* Cambridge [England] ; New York : Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems. Vol. II: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.

Dicionários

CASTELEIRO, João Malaca (org.) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Verbo, 2001.

COSTA, J. A. e Melo, SAMPAIO *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª ed., Porto Editora, Porto, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, António *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Machado, José Pedro (coord.) (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Publicações Alfa, 2002.

RECEBIDO 10/04/2011 — APROVADO EM 22/09/2011